

TOYNBEE E A HISTÓRIA DAS CIVILIZAÇÕES.

JOSÉ HONÓRIO RODRIGUES

da Academia Brasileira de Letras

Quando o vi pela primeira vez, em 1950, na Chatham House, em Londres, levado pela Sra. R. Humphreys, Elizabeth, Arnold Toynbee já apresentava o mesmo aspecto de 1966, no Rio de Janeiro, na sua primeira visita ao Brasil, ou o de 1968, quando retornei a vê-lo em Londres com sua mulher e colaboradora Verônica, e almoçamos os dois casais no fechado clube *Athaeneum*. Um homem de aparência distinta, pálido, magro, de cabelos brancos, com ligeira dificuldade de audição, as mãos nervosas e finas. Tinha um ar modesto e acanhado, parecendo querer esconder o sábio que nele existia. Mesmo quando se tornou famoso, e tinha seu renome firmado, sendo muito solicitado na Chatham House ou como conferencista universitário, e debatedor de televisão, Toynbee tinha sempre a mesma fisionomia obsequiosa e cavalheiresca. Embora fosse capaz de perder sua têmpera e altear a voz quando contrariado, era geralmente um modelo de moderação e deleite intelectual. Era de uma grande paciência no ouvir a todos e conversava de maneira descuidada e não profissional, o que surpreendia aos que esperavam fosse ele oracular. Sua amabilidade era tal que ele conversava com todos, sempre de igual para igual.

Era uma flor rara no mundo atual, produzida pela educação clássica, humanista de Winchester, Balliol, Oxford. Criado numa atmosfera livresca — seu pai um assistente social que deu seu nome ao Toynbee Hall, um centro de estudos sociais, e sua mãe, uma das primeiras senhoras a receber um grau universitário na Inglaterra, seu tio, um economista e reformador social —, Toynbee aprendeu desde criança tudo sobre a Grécia e Roma.

Oxford é uma cidadela da inteligência, onde se formou grande parte da elite política que dominou o mundo até há pouco, e onde hoje recebem educação as minorias do Terceiro Mundo originário da Comunidade Britânica. Sua educação clássica foi completada com estudos

na própria Grécia, Turquia e Oriente Médio, e desde aí ele soube, ao contemplar a morte destas civilizações, ponderar sobre sua relação com o nosso tempo.

Sua mãe, Sarah Marschall Toynbee, autora de *Tales from Scottish History*, decidiu o destino do filho.

“Certamente foi a minha mãe que me inspirou para que eu me tornasse historiador, mas segui a inclinação de minha mãe apenas em sentido geral. Minha mãe, penso eu, gostava dos fatos concretos da história por si mesmos. Também eu evidentemente gosto deles. Se alguém não os ama não pode tornar-se historiador. Os fatos são a matéria do historiador, e este tem de adquiri-los em quantidades que seriam inaceitáveis se os fatos não o fascinassem. Gosto dos fatos da história, mas não por eles mesmos. Gosto deles como indícios de alguma coisa situada além deles, como indícios da natureza e significação do misterioso universo no qual todo o ser humano desperta para a consciência” (1).

Neste trecho estão definidos não só a influência e separação de sua mãe, como a exigência de pesquisar e descobrir o que significam os fatos, e ainda o mistério do Universo.

Toynbee começou sua carreira no Balliol College, de Oxford, foi durante cinco anos professor de estudos bizantinos na Universidade de Londres, serviu durante as duas guerras no Ministério das Relações Exteriores, na primeira, no Departamento de Informação Política, e participou da delegação britânica à Conferência da Paz de Paris, em 1919, na secção do Médio Oriente, e na segunda vez como diretor do Departamento de Pesquisa e novamente como membro da delegação britânica à Conferência da Paz de Paris, em 1946.

Acabada a primeira guerra, desistiu de sua carreira universitária e ingressou em 1924 na Chatham House, onde se localizava o *Institute of International Affairs*, irmão gêmeo do *Institute of Foreign Affairs* de Nova Iorque, criados ambos logo após a Primeira Guerra pela delegação conjunta anglo-americana. Aí permaneceu trinta e três anos (1924-1956), escrevendo o *Survey of International Affairs* (1924-1956), e nas férias de junho a novembro, no campo, *A Study of History* (1927-1954). Os 3 primeiros volumes foram publicados em 1934, em 1939 atingiu o volume VI, e os vols. VII ao X saíram em 1959.

Depois de uma litania em que evoca e pede a intercessão de Cristo, dos Santos, dos Profetas, dos Mártires, de todos aqueles que tem sido

(1). — *Experiences*. Oxford, 1969, trad. Vozes, 1970, 104.

perseguidos devido à sua correção ou convicção sem deixar nenhuma lembrança, para que eles nos ensinem a sofrer sem esperar uma recompensa terrena póstuma,

“Omnes Sancti et Sanctae Dei, intercedita pro nobis”,

esta é a última evocação da litania, então vem a palavra final, *Finis*, London 1951, 15 de junho, 6,25 da tarde, depois de olhar uma vez mais para o quadro de Fra Angélico sobre a Visão Beatífica. Anexos, notas sobre Cronologia, Reconhecimentos e Agradecimentos enchem muitas páginas do volume V (145 a 247).

Ele próprio confessou não acreditar que lhe teria sido possível escrever um trabalho sem o outro ao mesmo tempo. Um *Survey* das questões correntes em escala mundial e um estudo da história mundial não teriam vida se fossem escritos fora da história da própria vida do escritor, porque os contemporâneos são as únicas pessoas que podemos captar vivas (2).

Duas vezes, nas *Experiences*, ele repete este pensamento.

“Manter em andamento simultaneamente dois grandes trabalhos constituía sem dúvida uma obra pesada, mas a combinação era estimulante e, ainda mais importante, tanto o *Survey* quanto o *Study* ganhavam com isso. Em minha opinião teria sido impossível escrever: o *Survey* inteligível ou mesmo inteligentemente se a pessoa estivesse absorta no estudo dos acontecimentos correntes com exclusão do passado mais distante. A vida é vivida na dimensão do tempo, os seres humanos atuam à luz da memória e a memória coletiva de comunidades abarca centenas e milhares de anos passados. ... Se o fundamento histórico do presente não for levado em consideração é provável que o presente se torne um enigma insolúvel e, ao tentar esta quantidade desconhecida, um homem de ação dotado de espírito a-histórico pode atolar-se em um campo de arroz ou perder-se na selva. ... Em conjunto deram-me o mais vasto horizonte que era capaz de atingir e o mais amplo campo de trabalho, capaz de tratar” (3).

Com o auxílio de Verônica, sua segunda mulher, que conheceu pesquisadora do Instituto, produziu 21 volumes de *Survey*, descontados os sete anos de trabalho de guerra (1939-1946), acabados com

(2). — A Study of History. What I am trying to do”, *International Affairs*, janeiro de 1955.

(3). — Trad. bras., 97-98, 128.

sua aposentadoria em 1956; em 1954 publicava o X volume do *A Study*, e em 1959 o Atlas e o Dicionário Geográfico (vol. XI); em 1961, as *Reconsiderations*, nascidas do estrepitoso debate que *A Study* havia suscitado. Poucos historiadores, talvez nenhum, tenha se aventurado e ousado tanto: uma interpretação da história de mais de cinco mil anos, feita de forma tão heterodoxa.

Os seis primeiros volumes estudavam as 21 civilizações que ele identificara e modelara segundo padrões de nascimento, crescimento e decadência. Estas civilizações eram estudadas individualmente e em suas relações e contactos; os volumes VII e primeira parte do VIII tratavam consequentemente de três temas dos impérios universais, igrejas universais, e idades heróicas; a última parte do vol. VIII e a primeira do IX examinavam os encontros entre diferentes civilizações. Os encontros entre contemporâneos que entram em contacto com uma ou outra na dimensão do espaço, e nesta conexão tratava particularmente dos contactos entre a moderna civilização ocidental e as outras civilizações contemporâneas — na Rússia, no corpo do Cristianismo ortodoxo, no Mundo Hindu e Islâmico e entre os judeus. Segue logo o estudo dos contactos no espaço entre uma civilização moderna e alguma civilização antiga, como, por exemplo, entre o Mundo Ocidental e a antiga Grécia. Isto o leva à descrição das renascenças na História, que são vistas como necromâncias ou exumações. Entre as civilizações, culturas mortas, não estava o judaísmo, o que lhe trouxe a hostilidade da erudição judaica. A África não era incluída, e as culturas satélites, como as da América Latina, exceto Azteca, são referidas em raríssimas passagens.

Seu estilo não era fácil, embora fosse um escritor de extraordinária energia, de cuja pena corriam as palavras com a maior fluência. Ele adotara como guia na vida o moto beneditino — *laborare est orare*, e o levou a sério, e ansiosamente tentou e conseguiu cumprir toda sua agenda, só dando precedência às viagens, à sua atividade de escritor. Atribuiu esse espírito à sua consciência puritana, parte da herança social da família de seu pai. Trabalhar para ele era escrever, e como fora educado onde o ensaio de três horas era o exame final que habilitava para qualquer serviço público e privado, podia vencer a crucial dificuldade entre o que pretendia dizer e como dizer-lo.

Toynbee escreveu e completou não só o *Survey* e *A Study of History*, mas uma enorme bibliografia (levantada até 1954 por Mônica Popper, *A Bibliography of the Works in English of Arnold Toynbee*, Londres, 1958), em que estão incluídos, pelo menos, mais de dez outros livros, que evitamos mencionar aqui, exceto *Between Maule and Amazon* (Oxford, 1967), e *Surviving the Future*, pela sua visão futurista. Seu último livro, *Mankind and Mother Earth* sairá no próximo verão

européu pela sua editora de sempre, Oxford, e nele, familiarizado com as civilizações não-ocidentais, refuta a noção de que o Ocidente possui o monopólio do vigor e valor culturais.

Para facilitar a assimilação de sua obra foram feitos dois resumos de *A Study of History*, preparados por D. C. Somervell, com a cooperação do próprio Toynbee. O primeiro condensava os seis primeiros volumes, e o segundo compreendia do sétimo ao décimo; não foram sintetizados o décimo-primeiro e o décimo-segundo. O primeiro resumo foi *best-seller* nos Estados Unidos em 1947.

Somente *A Study of History* contém 3 e meio milhões de palavras e custou quarenta anos para ser completado. Toynbee diz que foi num sábado, 11 de setembro de 1921, que pensou pela primeira vez na obra. Estava viajando a Oeste de Istambul, no Expresso Oriente. Naquela noite, sentado à janela, assombrado com a beleza do Bela Palanka Gorge à luz da lua cheia, à medida que

“nosso trem seguia ao longo do Nish... eu reparei que havia anotado uma lista de tópicos cujo conteúdo e ordem era substancialmente idêntico ao plano do *A Study of History*”.

Ele escreveu no décimo volume sobre as inspirações que lhe vieram dos historiadores seus antecessores. Na lista de dezoito nomes, desde Tucídides, sobre o qual ensinava quando rompeu a Primeira Guerra Mundial, passando por Santo Agostinho, até Gibbon, que com seu famoso e clássico livro *The History of the Decline and Fall of the Roman Empire* lhe deu a idéia cíclica do nascimento e queda das civilizações. Ele exalta muito Políbio, e lhe agradece suas lições. Políbio foi o historiador por excelência da Antiguidade, e aquele que pela primeira vez chamou a atenção da enorme importância da conquista do mundo conhecido por uma cidade, Roma, em cinquenta e três anos. A esses acrescentou, nas suas *Experiences*, Freeman, Bury, ingleses, e os alemães Mommsen e Mayer.

Essas as influências confessadas. Creio que Vico, Hegel e Max Weber são estímulos ocultos. O primeiro pela sua teoria cíclica da história, que é evidente na sua obra; o segundo, um filósofo decisivo no pensamento moderno, mostrou-lhe não tanto a racionalidade do real, a razão governa o mundo, mas selecionou determinadas civilizações historicamente significativas, e acreditou e falou num ‘Geist’, um espírito que tanto podia ser uma entidade transcendental, como um espírito humano; o terceiro acentuou, depois de Marx, e antes de Toynbee, os valores espirituais, como formadores também do processo histórico.

O fim da sua agenda quase coincidiu com o fim da sua vida.

“Todavia, agora quando finalmente ela está completa, fico perturbado ao ter uma folha de papel branco diante dos olhos, sem ter outros assuntos que me mantenham em atividade. Não ter mais uma agenda passou a ser para mim mais perturbador do que quando tinha uma, inacabada” (4).

Nascido em Londres aos 14 de abril de 1889, faleceu em York aos 22 de outubro de 1975.

Ninguém dedicou-se tanto à História como ele. Toynbee defini-a no sentido objetivo da palavra como o processo da mudança, e na significação subjetiva como o estudo de como e porque a situação se transforma.

Não lhe faltaram louvores durante a vida e houve quem escrevesse que seu trabalho foi

“o mais provocante estudo sobre a teoria histórica na Inglaterra desde *O Capital*, de Karl Marx”.

Por isso Daniel Boorstin, o grande historiador americano, atual diretor da Biblioteca do Congresso, disse que poucos historiadores se dedicaram tão irrestrita e efetivamente ao esforço de transcender o provincialismo.

“Exegit monumentum”, acabou o monumento, escreveu Sir Ernest Baker na resenha do *A Study of History*, em 1955, e parodiando-o podemos dizer “exegit sapiens”, acabou o sábio, o mais completo, o maior, o mais universal historiador que o mundo já conheceu e que escreveu sozinho a visão de cinco mil anos nas suas várias civilizações.

(4). — *Experiences*, 131.